

Notas para uma crítica geográfica das ideologias: a modernidade truncada e a vertigem do progresso no município de Três Lagoas-MS

Thiago Araujo Santos

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) – Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil.

e-mail: thiagosantos.ufms@gmail.com

Joser Cleyton Neves

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) – Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil.

e-mail: joser.neves25@gmail.com

Aliucha de Melo

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) – Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil.

e-mail: alywsha@gmail.com

Resumo

A aspiração ao progresso marca significativamente a história do município de Três Lagoas, localizado a Leste do estado de Mato Grosso do Sul, nas margens do Rio Paraná. Da construção de próteses territoriais (estrada de ferro, usina hidrelétrica, estação ferroviária) à sua recente inserção no complexo eucalipto-celulose-papel, a partir de 2006, entrecruzam-se projetos estimulados por ideologias modernizantes. Dedicamo-nos, neste artigo, a apresentar uma reflexão sobre o “caráter espacial” do município, buscando evidenciar as ideologias geográficas que acompanham os processos sociais em curso, ao longo do tempo. Como resultado, sugerimos que sob a superfície do discurso do progresso encontram-se as linhas perenes de uma modernidade truncada, comum num país periférico e marcado pela recorrência de iniciativas restauradoras e acordos “pelo alto”. A investigação articulou revisão bibliográfica sobre a temática de interesse e pesquisa em fontes documentais, particularmente reportagens e discursos oficiais veiculados na mídia.

Palavras-chave: Três Lagoas; progresso; ideologias geográficas; estruturas ideológicas.

Notes for a geographical critique of ideologies: truncated modernity and the vertigo of progress in the Três Lagoas City

Abstract

The desire for progress remarkably distinguishes the history of Três Lagoas, a city located in eastern region of Mato Grosso do Sul, Brazil. From the building of territorial prostheses (railways, hydroelectric plant, train station) to the recent insertion in the eucalyptus-cellulose-paper complex, different projects intercross supported on modernizing ideologies. Here, we presented a reflection on the town “spatial character” to evidence the geographical ideologies that guide the social processes ongoing throughout the time. As result, we argue that the speech of progress hides the characteristics of a *truncated modernity*, common in a peripheral country and featured by recurring restorative initiatives and agreements “at the top”. This work relied on a bibliographical review on the subject and researches into documental sources, specially news and official speeches streamed on the media.

Rev. NERA	Presidente Prudente	v. 23, n. 55, pp. 343-361	Set-Dez./2020	ISSN: 1806-6755
-----------	---------------------	---------------------------	---------------	-----------------

Keywords: Três Lagoas City; progress; geographical ideologies; ideological structures.

Notas para una crítica geográfica de las ideologías: modernidad truncada y el vértigo del progreso en el municipio de Três Lagoas-MS

Resumen

La aspiración al progreso marca significativamente la historia del municipio de Três Lagoas, ubicado al este de estado de Mato Grosso do Sul, a orillas del río Paraná. Desde la construcción de prótesis territoriales (ferrocarril, central hidroeléctrica, estación de ferrocarril) hasta su reciente inserción en el complejo eucalipto-celulosa-papel, a partir de 2006, se cruzan proyectos estimulados por ideologías modernizadoras. En este artículo nos dedicamos a presentar una reflexión sobre el "carácter espacial" del municipio, buscando resaltar las ideologías geográficas que guían los procesos sociales en curso a lo largo del tiempo. Como resultado sugerimos que bajo el discurso del progreso se encuentran los rasgos permanentes de una modernidad truncada, lo que es común en un país periférico y marcado por la recurrencia de iniciativas restauradoras y acuerdos "desde arriba". La investigación se realizó a partir de una revisión de literatura sobre el tema de interés y consulta a fuentes documentales, especialmente reportajes y discursos oficiales divulgados en los medios de comunicación.

Palabras clave: Três Lagoas; progreso; ideologías geográficas; estructuras ideológicas.

Introdução

A chegada do futuro é uma expectativa permanente na história de Três Lagoas-MS, reproduzida em consonância com o desejo de inserção econômica nos quadros da modernidade nacional. A finalização das obras da estrada de ferro Noroeste Brasil (NOB) e a construção da estação ferroviária, em 1909, deu sentido, em escala local, ao ideário modernizante impulsionado pelas elites políticas brasileiras, pelo menos desde o final do século XIX. Na prática, a via de consolidação das condições necessárias para o desenvolvimento de uma cidade moderna, por meio de uma "prótese territorial" que permitia a circulação de mercadorias entre a recém fundada cidade e o núcleo econômico nacional, São Paulo, resultou na concentração de poder e riqueza por parte de um grupo restrito de proprietários de terra da região.

Após um período de recessão econômica, o novo impulso para a busca do progresso, até então irrealizado, veio por meio da geração de energia, então pela construção, sob o controle da ditadura militar, da Usina Hidrelétrica Souza Dias, mais conhecida como "Usina Jupiá" (1965-1974). Depois de atrair uma massa de trabalhadores, que fixaram moradia na cidade, o projeto modernizante não impulsionou a economia regional como esperado, em parte pelo insucesso das políticas que resultaram na crise econômica da "década perdida".

A recuperação das esperanças por modernização foi retomada a partir da adição de novas políticas promovidas pelo afluxo neoliberal dos anos 1990. Com significativo aporte

estatal destinado a empresas, sobretudo a partir de incentivos fiscais, Três Lagoas presenciou certo dinamismo de suas atividades industriais entre 1994 e 2006, recebendo indústrias nos ramos têxtil, alimentício, de combustível, entre outros. Se, no período, as linhas do progresso mostravam seus contornos, sua imagem só se tornaria mais nítida a partir de 2006 com o desenvolvimento e territorialização do agronegócio do eucalipto por meio da instalação de empresas do complexo eucalipto-celulose-papel, processo que converteu Três Lagoas na “capital mundial da celulose”, título que evidenciava seu novo destino histórico no seio da modernidade.

A radical mudança na demografia da cidade, com significativo aumento populacional, foi acompanhada pela reconfiguração da paisagem urbana e agrária do município – seja pela radical expansão do plantio de eucalipto, sobreposto às antigas áreas de pastagem, seja pela criação de novos bairros, formação de unidades fabris, circulação de caminhões carregados de madeira, etc. A radicalidade das mudanças na dinâmica territorial, resultado dos vultosos recursos públicos e privados destinados aos novos projetos econômicos que emergiam, tornava a partir de então inegável a chegada do futuro. A monocultura do eucalipto converteria, enfim, Três Lagoas numa “cidade eldorado” (NEVES; SANTOS, 2018) – um paraíso do capital, *locus* de abundância e desenvolvimento econômico. Entretanto, sob a superfície da promessa de abundância e riqueza, que tem agora a monotonia silenciosa dos eucaliptais como base, encontram-se as linhas perenes de nossa modernidade truncada.

As bases de uma economia primarizada sustentam uma adesão dependente do país ao mercado de *commodities*, inserindo o município num circuito econômico de grande impacto territorial local, forjado por meio de acordos “pelo alto”, entre frações da classe dominante, como é comum no Brasil. Por isto, o estudo dessa história espacial, aqui apresentado, aponta a referência ao progresso como elemento relevante. Sua irrealização permanente, marcante nos países capitalistas periféricos, converte, em Três Lagoas, a imagem de futuro numa miragem atraente, sedutora, mas que se revela uma vertigem, uma espécie de alteração dos sentidos produzida pelo irrefreável desejo de chegada de um futuro moldado pelo capital.

No primeiro item, apoiando nossa reflexão, discutimos o conceito de “ideologia geográfica”, elaboração de Moraes (2005) que associa dialeticamente as concepções (subjetivas) do espaço com a construção/produção do espaço em sua materialidade. Este caminho nos levou a considerar nosso estudo da escala local/municipal em uma iniciativa preliminar de defesa de um campo específico de pesquisa – a “crítica geográfica das ideologias” – recorrendo-se, para tal, à contribuição teórica de Antonio Gramsci. Consideramos o conceito de ideologia e a noção de “estruturas ideológicas” – isto é, a “organização material” capaz de influir na opinião pública – como recursos heurísticos

balizares para esta agenda, reconhecendo a relação objetividade-subjetividade para o estudo da concepção, produção e ordenamento do espaço.

No segundo item, discutimos a ideologia geográfica do progresso em Três Lagoas, analisando o modo pelo qual são articulados discursos sobre o espaço com projetos econômicos historicamente relevantes. Este percurso nos levou a refletir sobre o caráter inconcluso, truncado, da modernização posta em movimento, em distintos momentos. O “poder do atraso” foi, assim, problematizado como fator explicativo da inconclusividade permanente da modernização econômica, evidenciando-se a tradicional aliança entre terra e capital como aspecto importante da formação socioespacial do município.

Os argumentos foram baseados em fontes documentais, especialmente reportagens, notícias e discursos oficiais sobre os projetos econômicos em curso na história de Três Lagoas-MS. Estas fontes foram articuladas à revisão bibliográfica a respeito do quadro teórico de interesse, embasando nossa reflexão sobre a realidade estudada.

Por uma crítica geográfica das ideologias: apontamentos preliminares

O sociólogo Francisco de Oliveira observa que há, nas ciências sociais, certa negligência ao problema do “caráter” (de um povo, da nação...). Atento à questão, dando corpo à sua “biografia não autorizada do Brasil”, o autor afirma que o “jeitinho brasileiro” expressaria “o drible constante nas soluções formais (o que) propicia a arrancada rumo à informalidade generalizada” (OLIVEIRA, 2018, p. 139). Esta solução, isto é, a burla como elemento intrínseco de uma identidade social, seria uma forma de adotar o capitalismo como solução incompleta na periferia do sistema: “Incompleta porque o capitalismo trouxe para cá a revolução das forças produtivas, mas não as soluções formais da civilidade” (OLIVEIRA, 2018, p. 140). Por isto, “As classes dominantes [...] têm de ‘se virar’, dão um jeitinho para garantir a coesão de um sistema troncho e, *comme il faut*, a exploração”. O “jeitinho” não seria, assim, um atributo desprovido de uma intencionalidade política e de um horizonte econômico. Trata-se, isto sim, de uma ideologia, isto é, de uma força que entrelaça, de diversas maneiras, o subjetivo e o objetivo, constituindo a materialização de projetos vinculados a um conjunto de ideias/representações.

Na incompletude sistêmica da formação de nosso capitalismo periférico persiste o “poder do atraso” (MARTINS, 1994), podendo esta permanência ser qualificada como uma das marcas profundas de nosso processo histórico. Esta marca qualificaria o que Gramsci denominou de “fenômeno orgânico”, demandando, por sua natureza, uma cuidadosa crítica histórico-social, por ser algo distinto dos movimentos “conjunturais”, “que se apresentam como ocasionais, imediatos, quase acidentais” (GRAMSCI, 2012, p. 37). Constituem-se alguns aspectos característicos desta persistência a ausência de rupturas radicais, as

frequentes soluções políticas restauradoras em nossa história, e a formação de uma burguesia interna *sui generis*, fortemente amalgamada aos setores agrários mais arcaicos (MARTINS, 1994). A constituição de nossa modernidade nacional se dá por meio de “revoluções passivas” (GRAMSCI, 2014a, p. 393), um tipo de modernização baseada numa dialética revolução-restauração, constituída por acordos “pelo alto” entre frações das classes dominantes. Essa incompletude sistêmica em nossa inserção nos quadros modernos do capitalismo, uma espécie de “proeminência restauradora”, define o caráter truncado de nossa modernidade (OLIVEIRA, 2018).

Para Martins (2008), o estudo da modernidade em países periféricos deve partir do reconhecimento de sua anomalia e inconclusividade. Miséria, desemprego, subemprego, valores e mentalidades produzidos pelo desenvolvimento dependente não poderiam ser, com efeito, qualificadas como aspectos estranhos à modernidade. Para o autor, é constitutivo deste processo “uma espécie de mistificação desmistificadora das imensas possibilidades de transformação humana e social que o capitalismo foi capaz de criar, mas não é capaz de realizar” (MARTINS, 2008, p. 19). Não se comprometendo em transformar o possível em real – produzindo meios efetivos para o acesso à coleção de coisas possíveis em um mundo globalizado – o capital moderno atribui a responsabilidade aos sujeitos: “basta ter recursos para conseguir”. A não ocultação do insucesso constante, mas sua atribuição às vítimas, torna a modernidade, por isso, “o reino do cinismo” (MARTINS, 2008, p. 19).

Mostra-se relevante, por isto, na reflexão crítica sobre o nosso quadro espaço-temporal, considerar o “modo pelo qual os homens produzem e reproduzem suas condições materiais de existência e como pensam e interpretam essas relações” (CHAUÍ, 2008, p. 55). Sob o capitalismo, encontra-se presente a função de dominação das representações ideológicas, ganhando sentido na medida em que “pelo poder do pensamento justifica-se a necessidade de aceitação de certas ideias e certos valores que, por serem [considerados] universais, se impõem à sociedade como um todo” (SANTOS, 2016, p. 34). Há, assim, uma necessária articulação entre os conceitos de poder, pensamento e classe social no campo das ideologias, considerando que seu “fulcro é a ideia do saber enquanto forma de poder, tendo como base a divisão social do trabalho e a divisão da sociedade em classes” (BRUNI, 1987, p. 86).

Se a referência ao “caráter do povo”, como vimos, é carregada de intencionalidade, demandando uma interpretação materialista de suas determinações econômicas e sociais, isto é, de seu fundamento ideológico, cabe refletir sobre as referências constantes, em nossa história, ao “caráter espacial” – isto é, ao conjunto de atributos que apontam para um suposto destino ou vocação dos lugares, ou elementos que fortemente os definem. Como afirma Moraes (2005, p. 33), “o espaço (sua gestão, sua representação, os projetos e

imagens a seu respeito) representa um dos condutos mais eficazes do poder”, razão pela qual “os discursos geográficos engatam-se com algumas problemáticas centrais postas na prática social do mundo contemporâneo” (MORAES, 2005, p. 33). É isto que nos leva a considerar a “necessidade de se buscar apreender a relação Geografia-ideologia em quadros histórico-concretos, e estando de posse de um instrumental teórico previamente ordenado” (MORAES, 2005, p. 43).

A contribuição teórica de Antonio Gramsci para o aprofundamento do conceito de ideologia, no campo marxista, traz elementos que nos parecem pertinentes para um projeto crítico-geográfico das ideologias. Em primeiro lugar, cabe reconhecer que seu aporte teórico dialoga com a perspectiva marxiana segundo a qual as ideias não se constituem uma projeção imediata e necessariamente coerente do real na consciência (MARX; ENGELS, 2007). Ao mesmo tempo, tais ideias não possuem uma existência autônoma, independente da realidade histórica. Estas são constituídas como um resultado de um processo social mediante o qual o real é significado, forjado, alimentado de sentido (SANTOS, 2016). Não se deve, pois, conceber as representações como algo deslocado da atividade real dos homens e mulheres, isto é, do intercâmbio material que integra o processo social de produção da riqueza sob o capitalismo.

A relação entre estrutura e superestrutura é considerada central no tratamento gramsciano do tema. Para o autor, o problema da dicotomia entre ambos os momentos “deve ser posto com exatidão e resolvido para que se possa chegar a uma justa análise das forças que atuam na história de um determinado período e determinar a relação entre elas” (GRAMSCI, 2012, p. 36). Diante de tal dicotomia, Gramsci se volta a um duplo embate. Por um lado, ao materialismo vulgar (ou economicismo), que reduz todo o movimento histórico ao momento estrutural. Por outro, ao idealismo, para quem o movimento histórico é atribuído às forças espirituais, independente das condições materiais em que atuam (BOBBIO, 1999).

Este horizonte nos conduz a considerar a inequívoca relação entre ideologia e a realidade histórica de sua produção, reconhecendo sua vinculação aos movimentos das forças sociais, sustentando e organizando interesses dos sujeitos, definindo formas de intervenção na realidade (BRANDÃO; DIAS, 2007).

É neste quadro que se justifica a reflexão teórica sobre como se organiza a estrutura ideológica – isto é “a organização material voltada para manter, defender e desenvolver a ‘frente’ teórica ou ideológica” (GRAMSCI, 2014b, p. 78). Para Gramsci, a parte mais dinâmica da “frente ideológica” é o setor editorial em geral, composto por editoras, jornais políticos, revistas, etc., que pela sua amplitude e complexidade tornaria difícil um estudo em escala nacional, podendo ser estudado, contudo, numa cidade ou série de cidades (GRAMSCI, 2014b, p. 78). O que define, segundo o autor, essa estrutura ideológica é sua capacidade de “influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente”, dela

fazendo parte também “as bibliotecas, as escolas, os círculos e os clubes de variado tipo, até a arquitetura, a disposição e o nome das ruas” (GRAMSCI, 2014b, p. 78, grifo nosso).

A referência de Gramsci à “organização material” como estruturas ideológicas sugere possíveis conexões de sua “teoria crítica das ideologias” e a Geografia enquanto campo disciplinar. Uma crítica geográfica das ideologias deveria, apoiada em tal solo teórico, reconhecer precisamente a relação objetividade-subjetividade na produção e ordenamento do espaço, considerando as formas espaciais (estruturas físicas, edifícios, monumentos, etc.) e os discursos sobre o espaço, levando em conta o fato de que: “[...] as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma, distinção entre forma e conteúdo puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais” (GRAMSCI, 2014a, p. 238).

Segundo Moraes, autor empenhado na promoção do estudo das “ideologias geográficas”, é importante compreender como as concepções do espaço atuam na construção material do espaço num dado país, e como atuam em sua própria representação (MORAES, 2005). Parece-nos, contudo, que é possível abordar o problema em distintas escalas geográficas, indo além do corte nacional proposto. A escala local, entrecruzando relações que, de distintas maneiras, envolvem interesses, projetos e representações espaciais, seria, também, objeto passível de reflexão sob o prisma citado. Este nos parece um enfoque pertinente ao estudo do município de Três Lagoas-MS.

Tal justificativa se coloca não apenas pela pertinência de um estudo dessa natureza em escala local. Mostra-se relevante uma abordagem crítico-geográfica das ideologias, no município citado, sobretudo pelo fato de Três Lagoas ter sua história atravessada e constituída por projetos de expressão nacional (expansão da malha ferroviária, construção de usina hidroelétrica, expansão do agronegócio do eucalipto), o que implicou em significativo dinamismo demográfico e espacial. Analisar de forma precisa esse dinamismo implica, a nosso ver, em considerar a relação entre objetividade e subjetividade e o processo de produção de ideologias geográficas na história espacial do município. Isto permitirá evidenciar que Três Lagoas tem uma história que expressa, em escala local, processos sociais mais amplos, alimentados e forjados na multiescalaridade do capital, em um país capitalista dependente, em distintos momentos históricos.

A vertigem do progresso e a modernidade truncada em Três Lagoas

Um conjunto de reflexões sobre o município de Três Lagoas-MS aponta para a recorrência de ideias como desenvolvimento, progresso e industrialização enquanto elementos fortemente associados ao recorte espacial em questão (OLIVEIRA e SILVA,

2011; ALVES, 2015; PERPETUA e THOMAZ-JUNIOR, 2012; JURADO, 2008). Partindo destes estudos, em trabalho anterior (NEVES; SANTOS, 2018) observamos como tais ideias acompanham a história espacial do município, animando interesses coletivos a projetos econômicos hegemônicos que, no limite, naturalizam os processos sociais em curso. Se o desafio para o estabelecimento de uma justa relação entre Geografia e ideologia, proposto por Moraes (2005), é pertinente, parece-nos diverso e profundo o quadro de referências para um estudo desta natureza voltado à realidade local do município.

Para esta reflexão é, sem dúvida, tentador se ater à escala local para a análise dos recursos ideológicos mobilizados como forma de dominação e legitimação política do capital. Isto porque são abundantes as narrativas legitimadoras das dinâmicas territoriais em questão. Parece-nos, contudo, que o maior desafio teórico (e político) é o de equacionar de modo preciso as múltiplas determinações que constituem os processos sociais, em sua multiescalaridade, particularmente em sua dimensão ideológica. Por este caminho, torna-se possível escapar do risco de reificar a escala municipal/local, isolando seus agentes econômicos, atribuindo-lhes uma autonomia que, sob o capitalismo, não lhes diz respeito (SANTOS, 2005; HARVEY, 2004; SMITH, 2002; SOJA, 1993). Isso permite, ao mesmo tempo, ir além de uma abordagem funcionalista e positivista do espaço, que compreende o município/a cidade como uma unidade de estudo autoreferente, com suas manifestações fenomênicas individualizadas e fragmentadas.

Para o desenvolvimento dessa perspectiva, recorreremos ao termo “vertigem”, extraído de Oliveira (2018), que o utiliza em sua “biografia não autorizada do Brasil” em referência ao período que se abre com o desenvolvimentismo de Juscelino Kubitschek, que teria provocado o que o autor chamou de uma “vertigem da aceleração”. Adaptamos, pois, a imagem de uma “vertigem”, associando-a ao progresso, como uma referência metafórica à tontura e à sensação de perda dos sentidos que, como discutiremos, as promessas da modernidade remetem em um município periférico de um país dependente.

Sob tal orientação, cabe considerar que em Três Lagoas-MS a vertigem do progresso não é de hoje. Uma mirada ao passado é suficiente para observarmos que o progresso como componente ideológico perpassa distintos momentos da história espacial do município, constituindo-se a força material para realização de projetos econômicos estruturantes. Ao mesmo tempo, a utopia de uma “cidade eldorado” (NEVES; SANTOS, 2018), promessa de um espaço redimido de seu passado arcaico, não é uma exclusividade sua, sendo comum em distintas localidades seduzidas por imponentes projetos de caráter capitalista (MESQUITA, 2005; VARGAS, 2015; RIGOTTO, 2004).

A fundação oficial de Três Lagoas, que teve como importante marco a construção da ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), em 1909, encontra profunda relação com um ideário

nacional vigente pelo menos desde o fim do século XIX¹. Sob a Primeira República (1889-1930), a superação dos valores e ideias monárquicas estimulava aspirações modernizantes, buscando-se encaixar o Brasil nos moldes dos países desenvolvidos. Segundo Castro (1993), constituíam-se objetivos claros dos agentes políticos, particularmente daqueles ligados ao Partido Republicano Paulista, criar as condições concretas para a efetivação do progresso. Isto seria possível por meio da eliminação dos traços coloniais, superação das características que definem um caráter fundamentalmente agrário de nossa estrutura social, tudo isso associado à formação de uma “sociedade burguesa, contemporânea a seu tempo e plenamente integrada ao mercado capitalista mundial” (CASTRO, 1993, p. 85).

O abismo que distanciava o “território usado” (SANTOS, 1994) dos “fundos territoriais” no Brasil (MORAES, 2011) – isto é, as áreas assimiladas aos processos econômicos centrais daquelas marginais, periféricas – estimulava a busca por soluções, a partir do final do século XIX, propagando-se a “superação do atraso” como a meta principal de um Brasil modernizado. Este horizonte, cabe evidenciar, carregava um forte fundamento territorialista, identificado por Moraes (2011) como uma ideologia geográfica bastante presente na formação territorial brasileira. Segundo o autor, para a construção de um “país moderno” sob tal orientação,

[...] o foco [...] direcionou-se para o território: construir o país era modernizar seu espaço, o que significava equipá-lo com as próteses territoriais e os sistemas de engenharia estabelecidos pela contemporaneidade técnica: ferrovias, iluminação elétrica, água encanada, estruturas metálicas, máquinas, motores, etc. (MORAES, 2011, p. 90).

Na região do atual município de Três Lagoas, a construção da ferrovia NOB foi o meio encontrado para dotar o espaço de elementos modernos, estruturas físicas (máquinas, trilhos, ponte) que, por seu conteúdo e forma, no período em questão, expressavam-se como verdadeiras “estruturas ideológicas” (GRAMSCI, 2014b, p. 78). A capacidade de “influir sobre a opinião pública, direta ou indiretamente”, que tais “próteses territoriais” possuíam se evidenciava na materialidade, em escala local, de um destino nacional almejado no período – a superação dos elos com o passado arcaico, agrário, e a produção de uma burguesia dinâmica e articulada, por meio da criação de condições objetivas para o seu desenvolvimento.

Na prática, a ferrovia permitiu a proprietários de terras o estabelecimento de relações comerciais com o principal polo industrial da época, isto é, o Sudeste. Os efeitos do empreendimento se fizeram notar por meio da migração de trabalhadores para sua

¹ A ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), inaugurada em 1912, possui uma extensão de 1622 quilômetros. Sua linha-tronco vai de Bauru-SP à Corumbá-MS, ligando-se então à rede ferroviária boliviana até Santa Cruz de la Sierra (GIESBRECHT, 2020).

construção, como também pelas novas relações sociais de produção colocadas a partir da abertura comercial pelas vias de transporte. Sob as bases de um ideário de futuro, representado pela aglomeração urbana e inserção municipal no circuito econômico nacional, pela via da circulação de mercadorias, uma pequena elite agropecuária concentrou riqueza, elaborando os moldes de uma relação campo-cidade definida pela perenidade do poder oligárquico agrário.

A baixa produtividade e a incipiência na produção e circulação de capital no município, após o período de construção da ferrovia NOB, resultou na regressão econômica e manutenção da precariedade na inserção social da população local, atraída pelas oportunidades propagadas. A insuficiência de infraestrutura para atender a potenciais indústrias na região frustra as expectativas de realização de um dinâmico processo de desenvolvimento regional a partir do município.

Somente durante o período da ditadura militar (1964-1985) que a região voltou a ter atenção do poder público, que percebia naquele momento a necessidade de expansão da infraestrutura nacional. Deu-se então o início de grandes empreendimentos voltados para atender as demandas de infraestruturas em todo o país, como hidrelétricas, ferrovias, rodovias, portos, etc., atendendo aos propósitos de estatização do sistema produtivo, sob o regime militar, com base no poder coercitivo do Estado (OLIVEIRA, 2008). A geração de energia passou a ser uma nova oportunidade econômica para Três Lagoas, dada sua afortunada proximidade ao Rio Paraná. Diante disto, o Estado brasileiro adotou para essa região a estratégia de promover a geração de energia como principal motor do progresso, visando a atração de indústrias e a dinamização das atividades econômicas.

Em 1974 foram concluídas as instalações da Usina Hidrelétrica Souza Dias, mais conhecida como “Usina do Jupia”, criando condições potencialmente atrativas para o capital industrial e aos investimentos privados. As promessas modernas, alimentando a vertigem do progresso, contemplavam, no campo do discurso, expectativas reais de uma população em busca de inserção na dinâmica econômica nacional do período – empregos, renda e melhoria na qualidade de vida, desejos que se aproximavam com a representação de um futuro que ora se aproximava.

A construção do Distrito Industrial, a partir de uma doação de área pela Centrais Elétricas de São Paulo (CESP), em 1975, associada com a promulgação da Lei Municipal número 435 de 20 de Janeiro do mesmo ano (ALVES, 2015), animava as aspirações industrializantes em Três Lagoas. Segundo Alves (2015, p. 112),

Antes mesmo de concluída a construção do espaço destinado a atender a instalação de fábricas, foi elaborado todo um aparato ideológico para atender à expectativa da administração municipal, esperam-se as fábricas como sendo o eldorado da região do bolsão mato-grossense. Homens

eufóricos e carregados de ganância vislumbram a chegada de fábricas vindo do outro lado da margem do Rio Paraná (Estado de São Paulo), para alimentar seu pequeno poder político e econômico, dando-lhes o *status* de senhores do progresso, favorecendo o perpetuar de seus nomes nas páginas da história local.

Um marco simbólico para a vertigem do progresso, naquele período, foi a construção do “Monumento das Indústrias”, ainda hoje existente (Foto 1), na Rodovia Ranulpho Marques Leal, próximo à entrada da cidade, no sentido São Paulo-Mato Grosso do Sul, inaugurado pelo então prefeito de Três Lagoas Helio Congro, em 1975.

Foto 1: Monumento das indústrias (1975).



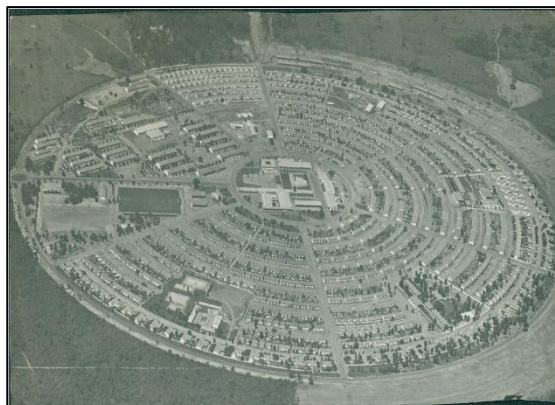
Fonte: Thiago Araujo Santos (2020)

A construção da “Usina Jupia” (Foto 2) e o estabelecimento do Distrito Industrial não garantiram, contudo, a realização de todas as expectativas de desenvolvimento que essas obras carregavam. Ao final, uma massa de trabalhadores itinerantes constituiu moradia na cidade, tal como se observa com o surgimento e a manutenção da Vila Piloto (Foto 3) e da Vila dos Operadores, localidades que absorveram respectivamente operários e trabalhadores do alto escalão da Usina. O fracasso da expansão econômica dessa região também foi potencializado pelo insucesso das políticas econômicas pensadas e executadas pelos militares, o que gerou para o Brasil, a partir de 1980, uma década de recessão econômica, também conhecida como “década perdida” (BRUM, 1988). O fim do regime militar e a redemocratização do país, a partir da constituinte realizada em 1988, expõe novos direcionamentos políticos e econômicos de um capitalismo neoliberal em formação, o que terá rebatimentos significativos em escala local no município.

Foto 2: Vista aérea da Usina Hidroelétrica Engenheiro Souza Dias (“Usina de Jupιά”), Rio Paraná, Três Lagoas-MS, 1965



Foto 3: Vista aérea da Vila Piloto, Três Lagoas-MS, 1965



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020a).

Com a adoção de novas políticas econômicas no início da década de 1990, tanto a Federação quanto os estados buscaram atrair e estimular a territorialização de empresas. A estratégia adotada a partir de então foi de conceder ao capital incentivos fiscais visando a instalação industrial em novas localidades, e tendo como justificativa principal a geração de emprego e renda. Sob estas bases, entre 1994 e 2006 o município de Três Lagoas avançou na produção industrial em diferentes ramos, como têxtil, alimentício, combustível, energia elétrica (NEVES; SANTOS, 2018).

Apesar do dinamismo econômico propiciado pela industrialização dos anos 1990 a meados de 2000, o impacto mais significativo na história recente desse município veio, sem dúvida, com o controle monopólico do território exercido pelas empresas de celulose e papel que instalaram-se em Três Lagoas, a partir de 2006, por meio da troca de ativos da International Paper e do Grupo Votorantim (SANTANA, 2010). Um aporte fundamental para a expansão da monocultura do eucalipto no município de Três Lagoas, e no estado do Mato Grosso do Sul (MS) como um todo, foi a ação do Estado via flexibilização da legislação ambiental. A publicação da Resolução SEMAC nº 17, de 20/09/2007, permitia, a partir de então, o plantio de “espécies florestais” sem necessidade de licenciamento ambiental. Kudlavics (2011, p. 71) chama atenção para o fato de que, neste caso, “o estado tem buscado adequar a legislação em relação ao uso dos recursos naturais enquanto valor econômico imprescindível para o desenvolvimento e progresso, colocando assim o meio ambiente a serviço dos interesses do capital”.

Já em 2009, pouco antes da inauguração da linha de produção, ocorre a fusão entre o Grupo Votorantim e a Aracruz Celulose, dando origem à Fibria. Essas empresas passavam por dificuldades financeiras na época e a fusão realizou-se somente com apoio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), que intermediou e

adquiriu cerca de 30% das ações ordinárias da empresa (BARBIERI, 2009). A partir da troca de ativos, as obras para construção do complexo de produção de papel e celulose passaram a dinamizar as atividades econômicas no município de Três Lagoas, bem como as relações de produção no âmbito da construção civil. A quantidade de migrantes recebidos pela cidade demonstrou como o discurso da geração de emprego e renda, fruto da chegada das empresas, estava atraindo trabalhadores de várias regiões do país². A vertigem do progresso, pela imagem de um conjunto de transformações nas formas espaciais e na paisagem urbana do município (formação de novos bairros, criação das unidades fabris, circulação de caminhões carregados de eucalipto, etc.), reforçou a utopia de uma “cidade eldorado”, um espaço vocacionado para um futuro que, enfim, se acercava (Fotos 4 e 5).

Foto 4: Caminhão carregado de eucalipto, Avenida Ranulpho Marques Leal, Três Lagoas- MS (2020)



Foto 5: Escultura “Junta de bois” e caminhão com símbolo da Fibria, Praça da Alvorada, Três Lagoas (2020)



Fonte: Thiago Araujo Santos (2020)

Entre os anos de 2006 e 2012, o município presenciou a territorialização de duas empresas de produção de papel e celulose. A primeira, já mencionada, inaugurou sua linha de produção em 2009. A segunda, a empresa Eldorado Brasil, concorrente da Fibria, teve suas atividades iniciadas na região apenas em 2012. Nota-se que, no caso da Eldorado Brasil, assim como na fusão da Fibria, o aporte realizado pelo BNDES para garantir a execução do projeto de expansão do capital nas terras sul-mato-grossenses foi fundamental (CONCEIÇÃO, 2012). Nesta operação, o banco chegou a destinar 2,7 bilhões de reais para investimento na construção do primeiro complexo de produção da Eldorado. Quanto à Fibria, a participação do banco na fusão também foi de suma importância para a concretização do projeto. Com esse propósito agiram, juntos, Estado e o capital na condução dos processos e das transformações necessárias para a reprodução capitalista.

² Entre 2007 e 2017, a população de Três Lagoas passou de 85.914 habitantes para 115.561 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2020b).

Em 2013, em meio a este cenário, entrou em vigor na Assembleia Legislativa do Mato Grosso do Sul um Projeto de Lei (PL) que converteu Três Lagoas na “Capital Mundial da Celulose”. A justificativa da Lei 4.336 evidencia que a cidade, de “capital brasileira do gado”, está se transformando na “metrópole global da celulose”, possuindo “vocação para o progresso e logística adequada, bem como sintetiza o anseio de todos os seguimentos [sic] produtivos daquela região” (MATO GROSSO DO SUL, 2013).

Em 2015, foi anunciado um ousado projeto de expansão da Fibria, conhecido como Projeto Horizonte-2, que teve as obras iniciadas em 2015 e finalizadas no fim de 2017 (NEVES; SANTOS, 2018). O aumento da capacidade de produ o em 150%, superando o total de 3,2 milhões de toneladas de celulose/ano (RIBEIRO, 2016), foi prometido com o entusiasmo inebriante que a vertigem do progresso provoca. Em discurso escrito pela então presidenta da república, Dilma Rousseff, lido pela ministra da Agricultura Kátia Abreu, em 30 de outubro de 2015, afirmou-se que, com a chegada da empresa, “começava a ser escrita uma nova história de desenvolvimento da região” (BRASIL, 2015). A partir de então, “[...] em menos de uma década, Três Lagoas se transformou na *capital mundial da celulose* e cresceram as oportunidades de negócio e de emprego no município. *Como costumávamos dizer, o progresso chegou*” (grifo nosso) (BRASIL, 2015).

O anúncio final da chegada do progresso expõe, alegoricamente, uma teleologia histórica e espacial – um destino espaço-temporal, uma ideologia geográfica que, enquanto força material, encerra um processo permanente de busca por um lugar sob “o sol da modernidade”. Contudo, ao contrário do que se pensa, na atual “terra do eucalipto”, “a aliança dos capitalistas com os proprietários de terra também perpetuou a presença viva e atuante das estruturas do passado” (ALMEIDA, 2011, p. 109). A alta concentra o de terras³, associada   concentra o do poder político e econômico, no seio de uma sociedade profundamente desigual, sustenta uma estrutura social que continua a ter a propriedade fundiária como seu fundamento.

Os efeitos de um contínuo progresso aspirado, mas nunca efetivamente vivido, põem em relevo contradi oes fundamentais de nossos processos históricos. A resolu o da questão agrária na “capital mundial da celulose”, que deveria passar pela centralidade do campesinato como sujeito social e pela Reforma Agrária como uma política de Estado, mostra-se cada vez mais distante. O abandono de assentamentos pelo Estado, o sucateamento do Instituto Nacional de Coloniza o e Reforma Agrária (INCRA) e o quadro de dependência econômica vivida por assentados a projetos de compensa o ambiental e social das empresas são aspectos que, segundo Almeida (2012, p. 8), desmentem as promessas de um progresso que vem para todos. Segundo a autora, na prática, temos uma

³ Mais de 90% da área rural de Três Lagoas está vinculada a pouco mais de 30% dos proprietários de terras (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA, 2019).

história que conduz a uma situação de precariedade social gerada pelo “paradoxo de Estado ‘mínimo’ na Reforma Agrária e ‘máximo’ no complexo eucalipto-celulose-papel” (ALMEIDA, 2012, p. 8).

Respondendo aos padrões de inserção dependente dos países periféricos nos quadros do capitalismo mundializado, nossa indústria continuou sendo a de sempre: “uma atividade subordinada à produção e exportação de bens primários, que constituíam, estes sim, o centro vital do processo de acumulação” (MARINI, 2011, p. 159). Isto nos vincula ao mercado mundial sem a criação de uma demanda própria, como nas economias centrais, nascendo “para atender a uma demanda preexistente, e se estruturará em função das exigências de mercado procedentes dos países avançados” (MARINI, 2011, p. 163).

A aderência de uma região como a de Três Lagoas ao circuito de produção de *commodities* como o eucalipto, longe de implicar na superação de nosso velho arcaísmo, é reveladora da perenidade da propriedade latifundista, baseada na extração da renda da terra, como “sólida base de uma orientação social e política que freia, firmemente, as possibilidades de transformação social profunda e de democratização do País” (MARTINS, 1994, p. 12-13). Se o capital financeiro atualiza as expectativas de chegada do progresso, o “poder do atraso” orienta o sentido material do curso da história espacial de Três Lagoas – um município que, neste sentido, com a hegemonia do agronegócio, torna-se parte representativa do Brasil.

Considerações finais

O “caráter” de Três Lagoas é forjado a partir de ideias que expressam um destino histórico, permeado pela articulação contraditória de múltiplas temporalidades que trazem o progresso como condição. A história passada, delineada pelo poder dos proprietários de terra, persiste sob a superfície de uma tessitura social supostamente modernizada. Os frustrados projetos modernizantes do passado, que resultaram na expectativa irrealizada de um futuro promissor, passam a ser, atualmente, conduzidos, à sua maneira, pelo agronegócio do eucalipto. A passagem para um “novo”, na atualidade, expressa em seu conteúdo uma conciliação “pelo alto” – agora, um compromisso capitalista tipicamente periférico entre o latifúndio e o capital financeirizado, neste caso do setor de papel/celulose.

Sob a roupagem moderna da industrialização, perpetua-se o conteúdo de um capitalismo dependente da renda da terra, estruturado na concentração fundiária e na economia primarizada. Por este caminho, a ideologia geográfica do progresso, enquanto força material, alimenta a reprodução multiescalar da dependência econômica em escala local. A “capital mundial da celulose” é condicionada ao movimento truncado da

modernidade periférica: a conciliação entre a disfarçada imagem do poder do atraso e a inebriante experiência da vertigem do progresso.

Referências

ALMEIDA, R. A. Aliança terra-capital em Mato Grosso do Sul: redefinições no campo e na cidade. In: SILVA, E. A.; ALMEIDA, R. A. (org.). **Territórios e territorialidades no Mato Grosso do Sul**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 103-134.

ALMEIDA, R. A. A Nova Fronteira do Eucalipto e a Crise da Reforma Agrária. **Boletim DATALUTA**, v. 1, p. 02-10, 2012.

ALVES, W. de A. Distrito industrial de Jupiá: a construção do discurso de progresso em Três Lagoas/MS – 1970. **Revista Trilhas da História**, v.5, n. 9, p.105-125, 2015.

BARBIERI, C. Grupo Votorantim compra a Aracruz com ajuda do BNDES. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 21 jan. 2009. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2101200902.htm>. Acesso em: 04 jul. 2020.

BOBBIO, N. **Ensaio sobre Gramsci e o conceito de sociedade civil**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

BRANDÃO, N. A.; DIAS, E. F. A questão da ideologia em Antonio Gramsci. **Trabalho & Educação**, n. 16, v. 2, p. 81-98, 2007.

BRASIL. Biblioteca da Presidência da República. **30/10/2015 - Discurso da Presidenta da República, Dilma Rousseff, lido no lançamento da Pedra Fundamental de Ampliação da Fibria Celulose S/A – Projeto Horizonte 2**. Três Lagoas, 2015. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/dilma-rousseff/discursos/discursos-da-presidenta/discurso-da-presidenta-dilma-rousseff-lido-no-lancamento-da-pedra-fundamental-de-ampliacao-da-fibria-celulose-s-a-2013-projeto-horizonte-2-tres-lagoas>. Acesso em: 04 jul. 2020.

BRUM, A. J. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

BRUNI, J. C. Ideologia e Cultura. **Ciências Sociais: coletânea de textos**. São Paulo: SEE, 1987.

CASTRO, M. I. M. **O preço do progresso: a construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (1905-1914)**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

CONCEIÇÃO, E. Presidente das [sic] Eldorado Brasil confirma cronograma e geração de 2200 a 2500 empregos diretos. **Perfil News**, Três Lagoas, 05 abr. 2012. Disponível em: <https://www.perfilnews.com.br/eldorado-inaugura-fabrica-de-celulose-de-tres-lagoas-em-13-de-dezembro/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

GIESBRECHT, R. M. Três Lagoas. **Estações Ferroviárias do Brasil**, [S. l.], 26 mar. 2020. Disponível em: https://www.estacoesferroviarias.com.br/ms_nob/tres.htm. Acesso em: 04 jul. 2020.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. v. 3.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014a. v. 1.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014b. v. 2.

HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Agropecuário - 2017: resultados definitivos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Três Lagoas – História & Fotos**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/tres-lagoas/historico>. Acesso em: 04 jul. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: Três Lagoas - Panorama População**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/tres-lagoas/panorama>. Acesso em: 04 jul. 2020.

JURADO, F. L. S. **O processo de industrialização na cidade de Três Lagoas (MS): discursos, desdobramentos e contradições**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2008.

KUDLAVICS, M. **Dinâmica agrária e a territorialização do complexo celulose/papel na microrregião de Três Lagoas/MS**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011.

MARINI, R. M. Dialética da dependência, 1973. *In*: TASPADINI, R.; STEDILE, J. P. (org.). **Ruy Mauro Marini: vida e obra**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 131-172.

MARTINS, J. S. **O poder do atraso: ensaios de sociologia lenta**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MATO GROSSO DO SUL. Assembleia Legislativa. Projeto de Lei 4.336, de 28 de Fevereiro de 2013 que dá ao município de Três Lagoas o cognome de Capital Mundial da Celulose. **Diário Oficial do Estado**, Poder Legislativo, Campo Grande, MS, 12 abr. 2013. n. 4.336, p. 1.

MESQUITA, O. M. de. **La Belle Vitrine: O mito do progresso na refundação da cidade de Manaus - 1890/1900**. 2005. Tese (Doutorado em História) – Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

MORAES, A. C. R. **Ideologias Geográficas**. São Paulo: Annablume, 2005.

MORAES, A. C. R. **Geografia histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia**. São Paulo: Annablume, 2011.

NEVES, J. C.; SANTOS, T. A. A produção capitalista do espaço em Três Lagoas (MS): ideologias e representações. **Revista Pegada**. v. 19, n.3, p. 255-278, 2018.

OLIVEIRA, F. **O adeus do futuro ao país do futuro**: uma biografia breve do Brasil. *In*: OLIVEIRA, F. Brasil: uma biografia não autorizada. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 27-78.

RIBEIRO, M. Fibria anuncia aumento da capacidade de produção do Projeto Horizonte 2. **Rádio Caçula**. Três Lagoas, 31 maio 2016. Disponível em: <https://www.radiocacula.com.br/noticias/economia/fibria-anuncia-aumento-da-capacidade-de-producao-do-projeto-horizonte-2>. Acesso em: 04 jul. 2020.

RIGOTTO, R. M. **O "Progresso" Chegou. E Agora?:** As tramas da (in)sustentabilidade e a sustentação simbólica do desenvolvimento. 2004. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

PERPETUA, G. M.; THOMAZ JUNIOR, A. A indução planejada da indústria: reflexões iniciais sobre a formação do complexo celulose-papel em Três Lagoas (MS). **Revista Eletrônica da AGB – Seção Três Lagoas/MS**, a. 8, n. 15, p. 30-62, maio 2012.

SANTANA, L. Votorantim e International Paper fazem troca bilionária de ativos. **Exame**, [S.l.], 10 out. 2010. Disponível em: <https://exame.com/negocios/votorantim-e-international-paper-fazem-troca-bilionaria-de-ativos-m0111531/>. Acesso em: 04 jul. 2020.

SANTOS, M. O retorno do território. *In*: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (org.). **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 15-20.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, T. A. **Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA Brasil)**: a convivência com o semiárido e a construção de um regionalismo de resistência. 2016. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOJA, E. W. **Geografias Pós-Modernas**: A reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

SMITH, N. Geografia, diferencia y políticas de escala. **Terra Livre**, v. 2, n. 19, p. 127-145, 2002.

VARGAS, L. G. C. **Representações sociais do progresso**: uma perspectiva a partir da chegada da estrada de ferro de Anápolis. 2015. Dissertação (Mestrado em Projeto e Cidade) – Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

Sobre os autores

Thiago Araujo Santos – Graduação em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Adjunto nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-CPTL), campus de Três Lagoas. **OrcID** – <http://orcid.org/0000-0002-1305-0301>

Joser Cleyton Neves – Graduando em licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-CPTL). **OrcID** – <https://orcid.org/0000-0003-0020-1331>

Aliucha de Melo – Graduada em licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-CPTL). **Orcid** – <https://orcid.org/0000-0001-5856-6283>

Como citar este artigo

SANTOS, Thiago Araujo; NEVES, Joser Ceyton; MELO, Aliucha de. Notas para uma crítica geográfica das ideologias: a modernidade truncada e a vertigem do progresso no município de Três Lagoas-MS. **Revista NERA**, v. 23, n. 55, p. 343-361, set.-dez., 2020.

Declaração de Contribuição Individual

As contribuições científicas presentes no artigo foram construídas em conjunto pelos (as) autores (as). As tarefas de concepção e design, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. O autor **Thiago Araujo Santos** ficou especialmente responsável pelo desenvolvimento teórico-conceitual, escrita geral e tratamento do texto; o segundo autor, **Joser Cleyton Neves**, encarregou-se pela aquisição de dados, interpretação e análise; e a terceira autora, **Aliucha de Melo**, atuou na organização dos dados em forma textual, pesquisa de reportagens e notícias de interesse para o desenvolvimento dos argumentos e adequação do artigo às normas da revista.

Recebido para publicação em 11 de outubro de 2019.

Devolvido para a revisão em 30 de maio de 2020.

Aceito para a publicação em 05 de julho de 2020.
